

Sentimentos das mulheres inférteis em relação aos tratamentos

O processo de tratamento de infertilidade pode ser longo e doloroso, na medida em que despoleta alguns sentimentos não só para a mulher ou para o homem enquanto indivíduo, mas para o casal como um todo. No caso da amostra do presente estudo, a tristeza, a ansiedade e a angústia foram os três sentimentos sempre experienciados pelas mulheres inférteis durante os tratamentos, correspondendo efetivamente a 17.4%, a 15.6% e a 14.7% da amostra. O cansaço psicológico, a frustração e a revolta, também foram mencionados como estando presente muitas vezes ao longo dos tratamentos, representando 15.6%, 11.9% e 11.9% efetivamente.

Contudo, o desespero, o cansaço físico e a raiva foram os menos apontados pelas mulheres inférteis, correspondendo a apenas 1.8%, 7.3% e a 8.3% da amostra. Todos os valores bem como outros sentimentos referidos podem ser consultados na tabela seguinte.

Tabela 24

Sentimentos experienciados pelas mulheres inférteis em relação aos tratamentos (n=49).

Sentimentos	Intensidade	n	%	Média	DP
Tristeza	Nunca	2	1.8%	4.05	1.146
	Raramente	1	0.9%		
	Às vezes	9	8.3%		
	Muitas vezes	8	7.3%		
	Sempre	19	17.4%		
Ansiedade	Nunca	3	2.8%	4.05	1.103
	Raramente	0	--		
	Às vezes	6	5.5%		
	Muitas vezes	16	14.7%		
	Sempre	17	15.6%		
Angústia	Nunca	2	1.8%	3.88	1.152
	Raramente	3	2.8%		
	Às vezes	9	8.3%		
	Muitas vezes	12	11.0%		
	Sempre	16	14.7%		
Cansaço psicológico	Nunca	3	2.8%	3.90	1.165
	Raramente	2	1.8%		
	Às vezes	4	3.7%		
	Muitas vezes	17	15.6%		
	Sempre	13	11.9%		
Frustração	Nunca	4	3.7%	3.74	1.191
	Raramente	0	--		
	Às vezes	12	11.0%		
	Muitas vezes	13	11.9%		
	Sempre	13	11.9%		

*Saúde Mental e Desesperança em mulheres inférteis|
Validação da Escala de Desesperança*

Revolta	Nunca	6	5.5%	3.35	1.369
	Raramente	5	4.6%		
	Às vezes	7	6.4%		
	Muitas vezes	13	11.9%		
	Sempre	9	8.3%		
Inferioridade	Nunca	10	9.2%	3.05	1.464
	Raramente	4	3.7%		
	Às vezes	11	10.1%		
	Muitas vezes	8	7.3%		
	Sempre	9	8.3%		
Esperança	Nunca	5	4.6%	3.43	1.272
	Raramente	4	3.7%		
	Às vezes	10	9.2%		
	Muitas vezes	14	12.8%		
	Sempre	9	8.3%		
Raiva	Nunca	9	8.3%	2.98	1.388
	Raramente	6	5.5%		
	Às vezes	11	10.1%		
	Muitas vezes	9	8.3%		
	Sempre	7	6.4%		
Cansaço físico	Nunca	8	7.3%	3.19	1.366
	Raramente	4	3.7%		
	Às vezes	9	8.3%		
	Muitas vezes	14	12.8%		
	Sempre	7	6.4%		
Desespero	Nunca	2	1.8%	3.64	1.165
	Raramente	5	4.6%		
	Às vezes	11	10.1%		
	Muitas vezes	12	11.0%		
	Sempre	12	11.0%		
	Nunca	2	1.8%		

Através do coeficiente de Correlação de Pearson é possível verificar que existe uma correlação negativa moderada entre a saúde mental total e a desesperança total ($r=-.592$), existindo diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$), ou seja, quanto mais saúde mental, menos desesperança total; sendo que a saúde mental total também se encontra correlacionada de forma negativa moderada com o sentimento de raiva ($r=-.561$), com o desespero ($r=-.428$), com o sentimento de inferioridade ($r=-.416$), com a revolta ($r=-.426$) e também com o cansaço psicológico ($r=-.416$), tendo-se verificado diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$). Por sua vez, também demonstra ter uma correlação negativa fraca com o sentimento de angústia ($r=-.266$) e com o cansaço físico ($r=-.211$), não se verificando diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$); e uma correlação negativa muito fraca

com a frustração ($r=-.176$) e a ansiedade ($r=-.155$), não se verificando diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$).

A desesperança total encontra-se correlacionada de forma quase nula com a frustração ($r=.090$), de forma muito fraca com a revolta ($r=.139$), de forma fraca com a raiva ($r=.284$) e com o cansaço psicológico ($r=.231$), não se verificando diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$) para todas as variáveis; encontra-se ainda correlacionada de forma moderada com o desespero ($r=.368$), com a angústia ($r=.360$), a tristeza ($r=.351$) e com o sentimento de inferioridade ($r=.417$), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$). A desesperança total evidencia uma correlação negativa quase nula com o cansaço físico ($r=-.082$) e muito fraca com a ansiedade ($r=-.017$), não se verificando diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$). Também demonstra uma correlação negativa moderada ($r=-.466$), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$).

O sentimento de raiva demonstra estar correlacionado de forma fraca com a ansiedade ($r=.287$) e com o cansaço físico ($r=.298$), sendo que evidencia ainda uma correlação negativa muito fraca com a esperança ($r=-.132$), não se verificando diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$) para nenhuma das variáveis expostas. Todavia, a raiva evidencia ainda uma correlação moderada com a frustração ($r=.498$) e uma correlação forte com a angústia ($r=.547$), com a tristeza ($r=.584$), com o sentimento de inferioridade ($r=.577$), com o desespero ($r=.689$), com a revolta ($r=.728$) e ainda com o cansaço psicológico ($r=.660$), verificando-se diferenças estatisticamente significativas na relação das variáveis ($p<0.05$).

A frustração apresenta uma correlação moderada com o sentimento de inferioridade ($r=.441$), com a ansiedade ($r=.455$) e ainda com o cansaço físico ($r=.496$) e evidencia também uma correlação forte com a revolta ($r=.590$), com o cansaço psicológico ($r=.599$), com o desespero ($r=.634$), com a angústia ($r=.741$) e ainda com a tristeza ($r=.778$), sendo que se verificaram diferenças estatisticamente significativas para todas estas dimensões ($p<0.05$). A frustração demonstra ainda uma correlação fraca com a esperança, não se tendo verificado diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$).

O desespero evidencia uma correlação moderada com o cansaço físico ($r=.396$) e uma correlação forte com diversas variáveis, tais como: com a ansiedade ($r=.507$), com o sentimento de inferioridade ($r=.611$), com a revolta ($r=.649$), com o cansaço psicológico ($r=.703$) e ainda com a tristeza ($r=.766$) e com a angústia ($r=.785$), sendo que verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$). O desespero apenas apresenta uma correlação negativa quase nula com a esperança ($r=-.092$), não apresentando diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$).

A angústia demonstra estar correlacionada de forma muito fraca com a esperança ($r=.102$) e nesta relação não se verificam diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$). No entanto, esta mesma dimensão revela uma correlação moderada com o cansaço físico

($r=.464$) e ainda com o sentimento de inferioridade ($r=.466$), sendo que aponta ainda a existência de uma correlação forte com a ansiedade ($r=.542$), com o cansaço psicológico ($r=.659$), com a revolta ($r=.685$) e uma correlação muito forte com a tristeza ($r=.807$), sendo que se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$).

Relativamente ao sentimento de inferioridade, este apresenta uma correlação negativa fraca com a esperança ($r=-.247$) e uma correlação positiva fraca com o cansaço físico ($r=.276$), sendo que não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$) para nenhuma destas variáveis. Os resultados evidenciaram ainda a existência de uma correlação moderada entre a inferioridade e a ansiedade ($r=.316$), bem como com a tristeza ($r=.513$) e com a revolta ($r=.467$), existindo diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$) nesta relação. Por último, o sentimento de inferioridade também demonstra uma correlação forte com o cansaço psicológico ($r=.607$), existindo diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$).

A ansiedade evidencia uma correlação moderada com a esperança ($r=.420$), uma correlação forte com a revolta ($r=.602$), com a tristeza ($r=.672$), com o cansaço físico ($r=.706$) e ainda com o cansaço psicológico ($r=.771$), tendo sido verificadas diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$) na relação de todas estas variáveis.

Por sua vez, a revolta demonstra uma correlação muito fraca com a esperança ($r=.132$) e nesta relação não se verificaram diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$). Apresenta ainda uma correlação forte com a tristeza ($r=.624$), com o cansaço físico ($r=.657$) e ainda com o cansaço psicológico ($r=.740$), tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$).

A tristeza revela uma correlação muito fraca com a esperança ($r=.139$), na qual não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p>0.05$). Os resultados apontam ainda para uma correlação forte entre a tristeza com o cansaço físico ($r=.513$) e com o cansaço psicológico ($r=.694$), sendo que nesta relação foram verificadas diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$).

Quanto ao cansaço físico, esta dimensão demonstra uma correlação moderada com a esperança ($r=.429$) e muito forte com o cansaço psicológico ($r=.810$), tendo sido verificadas diferenças estatisticamente significativas ($p<0.05$).

Por último, o cansaço psicológico evidencia uma correlação muito fraca com a esperança ($r=.192$), não tendo sido encontradas diferenças estatisticamente significativas nesta relação ($p>0.05$).

Todos estes valores podem ser melhor observados na tabela seguinte.